

MURTA, A. Crise aumenta fila por alimentos nos EUA. *Folha de S. Paulo*, São Paulo [online], 22 fev. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/indices/inde22022010.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2010.

O GLOBO. *A linha do tempo da crise Irlandesa*. Rio de Janeiro, 24 nov. 2010 [online]. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/mat/2010/11/24/a-linha-do-tempo-da-crise-na-irlanda-923095091.asp>>. Acesso em: 24 nov. 2010.

ROSSI, C. Irlanda, de tigre celta a dominó no cassino. *Folha de S. Paulo*, São Paulo [online], 15 nov. 2010a. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/clovisrossi/830918-irlanda-de-tigre-celta-a-dominio-no-cassino.shtml>>. 27 nov. 2010.

ROSSI, C. Os bancos têm de pagar. *Folha de S. Paulo*, São Paulo [online], 22 nov. 2010b. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/834331-os-bancos-tem-que-pagar.shtml>>. Acesso em: 22 nov. 2010.

SADER, E. *O que teria sido, se não fosse*. Disponível em: <<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/fora-de-pauta-83>>. Acesso em: 17 nov. 2010.

SANTOS, B. S. A história da austeridade. *Carta Maior*, São Paulo [online]. 15 nov. 2010. Disponível em: <[http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=17188](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17188)>. Acesso em: 20 nov. 2010.

SMITH, V. *Inglatera: castiguem os ricos, não os trabalhadores*. Disponível em: <[http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=17189](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17189)>. Acesso em: 18 nov. 2010.

WOLF, M. *A solução para a crise imobiliária americana não é uma boa para ser seguida*. 10 set. 2008. Disponível em: <[www.spinclubes.com.br/martin\\_wolf\\_a\\_solucao\\_para\\_a\\_crise\\_imobiliaria\\_americana\\_nao\\_e\\_uma\\_boa\\_para\\_ser\\_seguida\\_doc.doc](http://www.spinclubes.com.br/martin_wolf_a_solucao_para_a_crise_imobiliaria_americana_nao_e_uma_boa_para_ser_seguida_doc.doc)>. Acesso em: 20 nov. 2010.

WOLF, M. Irlanda muda perspectiva alemã. *Valor*, 24 nov. 2010a. Disponível em: <[http://www.bresserpereira.org.br/Terceiros/2010/10.11.Irlanda\\_muda\\_perspectiva\\_alema.pdf](http://www.bresserpereira.org.br/Terceiros/2010/10.11.Irlanda_muda_perspectiva_alema.pdf)>. Acesso em: 26 nov. 2010.

WOLF, M. Crise da Irlanda é teste para europeus. *Valor*, 01 dez. 2010b. Disponível em: <[http://www.bresserpereira.org.br/Terceiros/2010/10.12.Crise\\_da\\_Irlanda\\_e\\_teste\\_para\\_europeus.pdf](http://www.bresserpereira.org.br/Terceiros/2010/10.12.Crise_da_Irlanda_e_teste_para_europeus.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2010.

**\* Professor Adjunto do Departamento de Ciências Econômicas/UFPI, Mestre em Economia (CAEN/UFPA) e Doutorando em Políticas Públicas (UFMA)**

## ELA ESTÁ DE VOLTA

Por Antonio Carlos de Andrade\*

A geração atual não a conheceu, mas durante muitos anos Ela - a inflação - esteve entre nós. Na verdade, Ela se instalou entre nós no final dos anos cinquenta e por quase todos os anos sessenta. Fingiu que tinha ido embora e esteve por aí escondida por trás do mecanismo da correção monetária para voltar em meados dos anos setenta e se hospedar em nossas casas como um ser indesejado. O seu reinado foi mais sentido no final do governo Sarney, quando chegou a atingir mais de 80% ao mês. Tomou fôlego novamente e se instalou por definitivo na economia brasileira até ser despejada de vez pelo governo de Itamar Franco. E já fora tarde demais. Foram quase 40 anos bagunçando a vida econômica de toda uma população.

De nada adiantou os diversos planos para contê-la: Planos Cruzado I e II, Plano Bresser, Plano Feijão com Arroz, Plano Verão e Plano Collor. Em matéria de excentricidade, os

economistas brasileiros batiam com cada plano o recorde mundial de invencionismo. Ganharam, empatados, esse troféu, o Plano Cruzado e o Plano Collor. O primeiro pela invenção do congelamento de preços em um sistema de mercado. O segundo por ter sequestrado todos os ativos financeiros do País. Duas verdadeiras piadas sem graça nenhuma, a não ser para o resto do mundo capitalista.

Ela só veio a se afastar de vez da economia brasileira com o Plano Real. Segundo o economista Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2011), de 1980 até o período de sua contenção, em 1994, a inflação acumulada no Brasil passou dos mais de 20 trilhões e 259 bilhões, em termos percentuais. Talvez tenha sido o maior confisco social e econômico que se tem notícia pelo mundo a fora.

No final dos governos militares, a inflação anual

rondava a casa dos 100%. E, com o término da ditadura, já no fim do governo democrático do presidente Sarney, atingiu 1.782%, medida pelo Índice Geral de Preços (IGP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em 1993, chegou a 2.708%, medida pelo mesmo índice. No ano seguinte foi implantado o Plano Real e a inflação (IGP) atingiu, nos seis primeiros meses, 763,1%. Uma vez que a série foi afetada pelo Plano Real, no segundo semestre de 1994, adotou-se uma nova metodologia que somou os preços do Plano Real de julho mais os preços da Unidade Real de Valor (URV) de junho e a inflação medida pelo IGP foi de 17,0% (GIAMBIAGI et al., 2005) De lá para cá tivemos um leve susto na transferência do governo de Fernando Henrique para o governo Lula, em 2002, 26,4%, para, no ano seguinte, 2003, reduzir-se para 7,7%, sempre medida pelo IGP. Aquele susto inflacionário foi muito mais resultado de uma onda especulativa - vinda dos setores conservadores da economia e dos oportunistas de plantão -, do que uma inflação de demanda ou de custos. E Ela tem-se mantido em torno da meta inflacionária determinada pelo Banco Central do Brasil (Bacen), medida adotada ainda em 1999, implantada pelo seu ex-presidente Armínio Fraga. Parece que a economia brasileira está condenada a um crescimento entre 4,0% a 4,5% ao ano. Qualquer índice acima desses patamares, Ela volta. Ridículo para uma economia que tem quase 200 milhões de habitantes, dos quais um quarto vive ainda na pobreza, dependendo do Programa Bolsa Família.

No último ano do governo Lula, os gastos públicos cresceram 19%, contra 16,4% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2009. Embora a arrecadação de impostos tenha se elevado em mais de 20% em relação ao ano de 2009, parte desses recursos foram esterilizados pelo governo e isso ajudou a expansão monetária que, por sua vez, aumentou a inflação.

Não se pode perder de vista o fato de que desde 2004 a taxa de desemprego vem caindo no País e a renda do brasileiro aumentando. Nesses casos, os consumidores tendem a aceitar preços mais altos pelos produtos. É a típica curva de Phillips<sup>1</sup>, que demonstra a relação inversa entre desemprego e inflação. O problema é achar o ponto de equilíbrio entre crescimento e inflação.

A euforia do consumismo do brasileiro nos últimos anos só pode ser comparada com o ocorrido durante o Plano Cruzado. Mas aquela era uma situação de "contos de fadas", que nunca

mais deverá acontecer em uma economia capitalista: o congelamento de todos os preços.

Em 2010, o IPCA, índice de preço coletado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi de 5,91%, quase superando a meta inflacionária, que era de 4,5%, com variação de 2,0% para cima ou para baixo (BACEN, 2011). Lembrando que o IPCA é utilizado pelo Bacen para balizar sua meta inflacionária e também para calibrar a taxa oficial de juros - a Selic - que, por sinal, é a maior do **sistema solar** ou, como queiram os economistas daquele banco, a maior do planeta.

Existem pelo menos três mecanismos que estão retroalimentando a inflação atual: (i) a indexação ainda remanescente na economia; (ii) os aumentos de preços dos alimentos em nível mundial; além, é claro, (iii) da forte pressão de demanda por quase todos os setores da economia. Para se entender o primeiro, basta pegar o exemplo dos reajustes de aluguéis que são feitos pelo IGP-M, índice calculado pela FGV, cujos preços foram fortemente influenciados pelos preços das *commodities*, atingindo 11,32% no ano passado, quase o dobro da inflação oficial, medida pelo IPCA. O que um inquilino tem a ver com a alta dos preços dos alimentos e matérias-primas no exterior? A rigor, nada. Esses estão sendo puxados pela voracidade da demanda dos países asiáticos, principalmente pela China e Índia.

Muitos setores da economia já estão trabalhando no pleno emprego. Em alguns há falta de mão de obra, mormente a mais especializada. Já faz muitos anos que a economia não consegue crescer mais do que 5% ao ano de uma maneira consistente, isto é, de um modo sustentável, sem causar aumento de preços generalizados.

A economia brasileira já é suficientemente amadurecida para ter que se utilizar de proteção do tipo indexação. É só deixar os agentes econômicos negociarem seus preços, como ocorre nas nações civilizadas economicamente. A questão de assimetria da informação hoje no Brasil já é coisa do passado. Pela manhã, bem cedo, já se sabe qual o preço da arroba do boi gordo, da saca do café, da soja e do milho. A concorrência entre as grandes marcas dos supermercados não permite mais nenhum tipo de especulação de preços. Uma alta de preço aqui ou outra ali é muito mais resultado de falta de logística ou entressafra do que especulação.

O governo de Dilma tem três grandes problemas

pela frente: provocar a queda do crescimento, que reduz a pressão salarial, mas aumenta o desemprego; parar de estimular o crescimento do PIB, que significa continuar com a política de juros altos (que tem outra implicação: atrairá mais capital do exterior, fortalecendo mais ainda o Real); e, o último deles, cortar os gastos governamentais, atingindo inclusive os investimentos. Desta vez sem eufemismo, do tipo “ajuste” por “consolidação fiscal”, como gosta de inventar o ministro da Fazenda Guido Mantega (GUZZO, 2011).

Como se vê, não vão ser fáceis os dois primeiros anos do Governo Dilma. Quaisquer apertos fiscais e monetários são sempre doloridos. Grandes governos devem ter compromisso com a nação e não com grupos econômicos e financeiros do país que sempre se beneficiaram com grandes lucros, com inflação ou sem Ela.

Finalizando, esse processo inflacionário começou com Juscelino Kubistchek, em fins dos anos 1950, com taxas de inflação acima de 30%, um escândalo na época, e contribuiu para a vitória de Jânio Quadros, com a sua vassoura mágica, nas eleições presidenciais.

Como disse Gustavo Franco (GUZZO, 2011): houve épocas em que se pensava que se podia pintar um pedaço de papel na Casa da Moeda e transformá-lo em dinheiro para se fazer o bem; para se construir megaprojetos, Brasília e outras obras, por exemplo. Não pode. Primeiro se poupa para depois se gastar. Princípio básico para qualquer dirigente responsável ●

#### Nota:

<sup>1</sup> A curva de Phillips foi criada pelo economista neozelandês A. W. Phillips, que estudou a relação entre taxas de desemprego e taxas de aumento dos salários (trabalho publicado em 1958); trabalhos posteriores ao de Phillips focaram a relação entre desemprego e aumento de preços.

#### Referências

BANCO CENTRAL DO BRASIL - BACEN. *Histórico de metas para inflação no Brasil*. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/Pec/metast/TabelaMetast/Resultados.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2011.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Ponto de Vista: Gustavo Franco (ex-presidente do Banco Central)*. [online]. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/tv/materias/PONTO-DE-VISTA/190495-GUSTAVO-FRANCO-%28EX-PRESIDENTE-DO-BANCO-CENTRAL%29.htm>>. Acesso em: 05 mar. 2011.

GIAMBIAGI, F. et al. *Economia brasileira contemporânea (1945-2004)*. Rio de Janeiro: Campus, 2005. (Apêndice Estatístico, Tabela A1).

GUZZO, J. R. Cheiro de enxofre no ar. *Exame*, São Paulo, ed. 986, a. 45, n. 3, 23. fev. /2011. *Vida Real* [online]. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0985/>>. Acesso em: 05 mar. 2011.

**\*Professor Adjunto IV do Departamento de Ciências Econômicas/UFPI, especialista em Administração pelo IET-Minas, doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP).**